

# GRUPO CORPO

## BACH

(estreia 1996, Lyon)

coreografia: **Rodrigo Pederneiras**

música: **Marco Antônio Guimarães** (sobre obra de J.S.Bach)

cenografia: **Fernando Velloso e Paulo Pederneiras**

figurinos: **Freusa Zechmeister**

iluminação: **Paulo Pederneiras**

(duração: 45 minutos)

Um *Bach* mais que barroco. Mineiro. De um azul ultramarino intenso. E grafite. E dourado. Como as igrejas do ciclo do ouro, nas antigas Geraes – talhadas pelo gênio de Aleijadinho, unidas com afrescos de Ataíde. Um *Bach* divinamente profanado. Que despenca de súbito dos céus para outra vez ascender às alturas. Um *Bach* que cantata, mas que também ciranda. Um *Bach* mais que barroco. Mineiro.

Assim – clássico, contemporâneo, universal, interiorano, divino, profano, solene, malemolente – é *Bach*, a primeira produção do GRUPO CORPO na qualidade de companhia residente da Maison de La Danse, de Lyon – condição que ocupou por três anos consecutivos. *Bach* estreou mundialmente em setembro de 1996 na tradicional Bienal da Dança de Lyon, arrancando dez minutos ininterruptos de aplausos.

Vigésima sexta coreografia na cronologia da companhia mineira de dança, *Bach* brota de uma criação livre e iluminada de Marco Antônio Guimarães em torno da obra do maior compositor de todos os tempos. Mineiro, moldado para a música na legendária usina de sons montada em Salvador pelo suíço Walter Smetak, cérebro e medula óssea do Uakti (o mais instigante e original dos conjuntos instrumentais brasileiros), colaborador do CORPO desde 1992, quando compôs a trilha magistral de *21*, Guimarães mergulhou por um ano no universo barroco de João Sebastião (1685-1750). Escarafunchou bibliotecas; vasculhou cada vereda da memória; retrogradou movimentos; fundiu cantatas, coros e prelúdios; revelou partes ocultas na partitura do gênio; transmutou suítes em acompanhamentos e, como Gounot na *Ave Maria*, derramou sobre

eles nova melodia. Fez mais. Fez o que jamais havia feito antes: pesquisou, alterou e criou timbres e instrumentos em teclados eletrônicos. Quase uma heresia para quem dedicou a vida à investigação de novas texturas sonoras, tendo por base, invariavelmente, instrumentos acústicos (no mais das vezes inventados, também). Na trilha, sintetizadores e dois instrumentos de corda (o Chori, da linhagem do mestre Smetak, e o Gig, de lavra própria) são comandados pessoalmente pelo (re)criador, enquanto duas vozes celestiais conduzem árias, cantatas e canções: Conceição Nicolau e Sandro Assunção, do coral do Palácio das Artes de Belo Horizonte.

A intensa carga de religiosidade que emana da música de Bach encontra tradução visual no desdobramento do espaço cênico em dois planos: um aéreo/celeste, outro rasteiro/terreno – recurso determinante no resultado final do espetáculo, idealizado por Paulo Pederneiras, diretor artístico e iluminador do grupo, que desta vez assina a cenografia ao lado do “titular da pasta”, o artista plástico Fernando Velloso. Como estalactites futuristas, um feixe de tubos metálicos tingidos de negro se precipita dos urdimentos, criando uma inusitada zona coreográfica, de onde os bailarinos despencam na cena e por onde forjam a ascensão. Iluminada na diagonal a “peça” cenográfica imprime na retina do espectador a imagem (ou semelhança) do instrumento que o compositor alemão tangeu com paixão e maestria.

Um mesmo e profundo azul colore o piso e as duas camadas de tecido que compõem o fundo do palco. Do meio para o final do espetáculo, descem sobre a cena 172 m<sup>2</sup> de retalhos de popeline ultramarino, num portentoso *patchwork* monocromático, versão glorificada dos alegres tapetes populares do interior.

Freusa Zechmeister despe as pernas e os braços dos bailarinos e brinca com as três cores básicas do cenário sobre macaquinhos de couro *stretch* ou elanca fosca e botinhas de cano curto.

O idioma singular e brasileiríssimo, desenvolvido pelo CORPO em 21 anos de dança, expande seu universo vocabular, incorporando aqui e ali fonemas, sílabas e dicções do rock – língua desde sempre universal. Enquanto a coreografia de Rodrigo Pederneiras liberta-se cada vez mais da forma, tirando os pontos de apoio do espectador e lançando-o no domínio irresistível do inesperado.

*Texto: Angela de Almeida*

*nov/96*